



Universidade de Brasília

Instituto de Psicologia / SECADI/MEC

Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Educação em e para os Direitos Humanos,
no contexto da Diversidade Cultural

**FORMAÇÃO DE PROFESSORES: SALA DE AULA, RICO ESPAÇO DE
APRENDIZAGENS E DIVERSIDADE CULTURAL**

FERNANDA CHAVES DE FREITAS

BRASÍLIA
2015



Universidade de Brasília

Instituto de Psicologia / SECADI/MEC

Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Educação em e para os Direitos Humanos,
no contexto da Diversidade Cultural

FERNANDA CHAVES DE FREITAS

**FORMAÇÃO DE PROFESSORES: SALA DE AULA, RICO ESPAÇO DE
APRENDIZAGENS E DIVERSIDADE CULTURAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade de Brasília (UnB), como requisito para
obtenção do grau de Especialista em Educação em e
para os Direitos Humanos no Contexto da
Diversidade Cultural.

Professor Orientador: Ms. Clerismar Aparecido Longo

BRASÍLIA
2015

FREITAS, Fernanda Chaves

Formação de professores: sala de aula, rico espaço de aprendizagens e diversidade cultural. Brasília, 2015.

39f.

Trabalho de conclusão de curso da Pós graduação em Educação em e para os Direitos Humanos no contexto da Diversidade cultural. Instituto de Psicologia. Universidade de Brasília.

Orientador: Clerismar Longo

1. Formação de professores 2. Aprendizagem profissional 3. Diversidade cultural



Universidade de Brasília

Instituto de Psicologia / SECADI/MEC

Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Educação em e para os Direitos Humanos,
no contexto da Diversidade Cultural

O Trabalho de Conclusão de Curso, de autoria de Fernanda Chaves Freitas, intitulado “Formação de Professores: sala de aula, rico espaço de aprendizagens e diversidade cultural”, submetido ao Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília (IP/UnB), foi defendido e aprovado pela banca examinadora abaixo assinada:

Ms. Clerismar Aparecido Longo(Orientador)
Universidade de Brasília (UnB)

Dra. Eloísa Pereira Barroso (Examinadora)
Universidade de Brasília (UnB)

BRASÍLIA/DF
2015

HOMENAGENS

Agradeço a Deus, por ter me concedido a vida
Por toda a sua bondade
Por todas as conquistas alcançadas com muita fé

Aos meus pais, por serem instrumentos de Deus
Por terem me criado em meio a valores

Ao meu pai que tem sido o meu recanto e refúgio nos momentos alegres e difíceis
Por ter me dado apoio nos momentos de perdas e nos momentos de vitórias
Por acreditar em meu potencial

À minha mãe, que mesmo não estando em vida
Foi a maior e melhor professora que um dia eu tive
É, ainda, minha melhor inspiradora em todos os momentos

Aos meus familiares que fizeram minha caminhada ser mais alegre e menos árdua
Por me ajudarem em todos os momentos que precisei
Por serem minha grande riqueza

Aos meus amigos e amigas que fazem minha vida mais feliz
Por darem um gosto especial em diversos momentos
Por toda a felicidade demonstrada com minhas conquistas

Aos meus alunos e alunas que me fazem acreditar que a educação vale a pena
Por serem também parte da minha formação
Pela alegria de criança que tanto me contagia

À todas as pessoas que acrescentam e acrescentaram em minha história de vida

AGRADECIMENTOS

Meus sinceros agradecimentos a todos/as professores/as que auxiliaram em minha formação profissional. Agradeço, sobretudo, pelas ricas aulas que contribuíram para meu entendimento sobre de educação e ampliaram minha visão de mundo. Cada professor e cada professora que passou junto comigo nessa caminhada, marcou-me de um jeito diferente, sem os quais não poderia ter a formação que tenho e nem ser a pessoa que sou. Agradeço por cada palavra de motivação e por todo o conhecimento adquirido em momentos formativos.

Agradeço a todas as crianças que passaram em minha vida pessoal, profissional e acadêmica, que me fizeram perceber que o ofício na sala de aula também pode ser um rico espaço de aprendizagem mútua. São elas que me motivam a pensar em um trabalho pedagógico de qualidade. Agradeço por todos os desafios que me foram colocados, pois sem eles não haveria aprendizagem significativa.

RESUMO

O presente estudo intitulado “*Formação de professores: sala de aula, rico espaço de aprendizagens e diversidade cultural*” teve como objetivo compreender como a experiência em sala de aula e a vivência com a diversidade cultural contribuem para a formação profissional. Por meio de análise de questionário, busquei: identificar como a convivência com a diversidade da sala de aula auxilia no desenvolvimento profissional das professoras; identificar como as professoras buscam o aperfeiçoamento profissional; e de que forma a diversidade cultural e situações desafiadoras encontradas em sala de aula instigam na busca por conhecimento. Embasada em autores como Freire, Mizukami, Pimenta, Marques e de outros autores, analisei como acontece o processo de formação inicial, formação continuada e a prática reflexiva de professores/as. Participaram deste estudo treze professoras de séries iniciais de uma escola pública localizada no Riacho Fundo II e, para análise dos questionários, optei pela metodologia de pesquisa qualitativa. A análise dessas observações e registros nos traz a conclusão de que a sala de aula possui um mundo rico de possibilidades de aprendizagens e de diversidade cultural que podem acrescentar à formação profissional dos docentes. Além disso, trouxe a percepção da necessidade de haver espaço para os/as alunos/as expressarem suas ideias, para que aconteça aprendizagem mútua, ou seja, alunos/ase professores/as aprendendo com o trabalho pedagógico desenvolvido e com as relações estabelecidas.

Palavras-chave: Formação de professores. Aprendizagens. Diversidade Cultural.

ABSTRACT

This study entitled “Teacher’s Training: classroom, a great place to learn and cultural diversity” aimed to understand how the experience of a classroom and to live with cultural diversity helps the professional training. By a questionnaire analysis, I searched: to identify how having diversity in the classroom helps the teachers professional development, to identify how teachers seek for a professional improvement, and which ways the cultural diversity and challenging situations in the classroom contribute in search to acknowledge. Based on authors, such as, Freire, Mizukami, Pimenta, Marques and others, I analyzed how the beginners, continued and teachers practice. In this study, thirteen teachers from a public school in Riacho Fundo II C, from beginners classes, participated, and to questionnaire analysis it was chosen qualitative search methodology. These data and observations made, concluded that inside a classroom there is a world full of possibilities and cultural diversity, and these elements can add a lot to the teaching shaping process. Besides that, it showed that the students need to have room to express themselves in order to a mutual learning experience happens, in other words, students and teacher learning with an educational work and an established relationship.

Word key: Teachers Shaping. Learning. Cultural Diversity.

“Sem a curiosidade que me move, que me inquieta,
que me insere na busca, não aprendo e nem ensino”
(Paulo Freire)

SUMÁRIO

Introdução.....	11
Capítulo 1 – A formação docente, aprendizagens e diversidade cultural.....	15
1.1 - A formação de professores.....	15
1.2 - A prática reflexiva.....	21
1.3 - Formação de professores e diversidade cultural.....	23
Capítulo 2 – Um olhar sobre a realidade.....	26
2.1 - A escola.....	26
2.2 - Formação das professoras.....	27
2.3 - A diversidade cultural e formação continuada.....	30
Considerações finais.....	36
Referências.....	38

Introdução

“Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”

Paulo Freire

Os processos de formação dos professores têm sido objeto de muitos estudos, os quais têm contribuído significativamente para o entendimento de questões referentes a essa profissão tão significativa e importante nesse modelo de sociedade tão dinâmico, em que estamos inseridos.

Acredito que as discussões referentes à formação de professores são muito importantes, pois assim como o mundo está em constante mudança, a educação também passa por esse mesmo processo e necessita de novos paradigmas e de profissionais que estejam abertos para aos desafios impostos pela modernidade. Essa é uma questão que nós, profissionais da educação, enfrentamos no dia a dia dentro de sala de aula. Os questionamentos dos alunos, muitas vezes, nos levam a refletir sobre muito do que nós, professores, não aprendemos na formação teórica na universidade.

A formação de todas as pessoas acontece no contexto social e é um processo que é inevitável, não há como não aprender com as situações novas, diferentes, desafiadoras. A formação dos professores acontece dessa forma, quando acontece algo novo existe a possibilidade do professor aprender com essa nova situação, o que contribui para a sua aprendizagem e, conseqüentemente, sua formação profissional.

As relações existentes entre alunos e professores nas escolas de hoje possuem inúmeras formas de acontecer, com isso se faz necessário estudar e entender a importância dessas relações para o processo de ensino e aprendizagem de alunos e professores. É importante saber como esse espaço pode direcionar a aprendizagem tanto de alunos como de professores.

A sala de aula é, também, um ambiente de aprendizagem para os professores, a partir do momento que estes se abrem e conseguem compartilhar as ideias e os conhecimentos expostos pelos alunos. Nesse sentido, a prática em sala de aula também é um ambiente de formação para o professor.

Entendo formação de professores como sendo um processo que acontece durante todos os seus momentos de estudos teóricos nos tempos universitários, mas também acontece durante os seus momentos no ofício de ser professor. Pois o ser humano tem a capacidade de

se formar durante toda a sua vida. Culturalmente, o ser humano é inacabado, por isso está sempre em constante aprendizado.

Ser educador não é ser, apenas, uma pessoa que trabalha na formação de outras pessoas. Ser educador, acima de tudo, é acreditar na própria capacidade de começar, ajudar, complementar a formação de seu aluno e, por meio desse trabalho se autotransformar como pessoa e como profissional da educação.

Observar, compreender, perceber, refletir sobre a forma como as crianças aprendem é essencial para que aconteça a aprendizagem das crianças, mas também é essencial para que haja aprendizagens dos docentes. Durante todo esse processo, a formação não acontece apenas para os alunos. Todos os envolvidos no trabalho pedagógico estão em processo de formação. Dessa forma, ambos, professor e aluno, tem a possibilidade de participar ativamente desse processo, o que leva a aprendizagens recíprocas.

Cada sujeito, cada aluno e cada professor, cada um com suas peculiaridades tem a capacidade de aprender e apreender, mas essas aprendizagens ocorrem de formas diferentes. É um processo bem complexo, onde a história de vida e a bagagem cultural influenciam no processo formativo das pessoas.

A formação inicial dos professores tem um papel importante na sua atuação profissional. Mas, de acordo com vários teóricos, que serão aqui apresentados, não se faz a articulação necessária entre teoria e prática. Essa formação, feita nos tempos universitários, apenas instrumentaliza o professor para refletir sobre aspectos da sua futura atuação, ação ou prática educativa. Porém durante essa formação inicial não é possível aprender todas as situações que serão enfrentadas na prática em sala de aula.

Então, é a partir de experiências práticas que os educadores perceberão a relevância do impacto do processo formativo inicial, e isso acontecerá durante toda sua vida pessoal e profissional. Nesse sentido a formação do professor nunca está concluída, sua formação é sempre contínua e acontece durante a execução de seu trabalho.

Vários momentos vividos em sala de aula me instigaram a pensar, refletir e pesquisar sobre como realmente acontece a formação de professores. Por isso alguns questionamentos surgiram e busquei respondê-los no desenvolvimento dessa monografia: como acontece a formação dos professores? A formação inicial dos professores é suficiente para “dar conta” de todos os problemas que são enfrentados na sala de aula? O contato com a rica diversidade cultural presente na sala de aula auxilia na aprendizagem profissional? Qual a importância da formação inicial e da formação continuada para a aprendizagem do professor?

Por acreditar que a sala de aula pode ser um espaço de aprendizagem e formação continuada para o professor, neste TCC, tive como objetivo compreender como a experiência em sala de aula e a vivência com a diversidade contribuem para a formação profissional.

Por meio de análise de questionário, busquei: identificar como a convivência com a diversidade da sala de aula auxilia no desenvolvimento profissional das professoras; identificar como as professoras buscam o aperfeiçoamento profissional; e de que forma a diversidade e situações desafiadoras encontradas em sala de aula instigam na busca por conhecimento.

Realizei a pesquisa na Escola Classe Agrovila II, escola pública em que trabalho e que atende crianças matriculadas do 1º ao 5º ano, localizada no Riacho Fundo II no Distrito Federal. As treze professoras que participaram da pesquisa são atuantes em turmas das séries iniciais do ensino fundamental.

Este estudo foi baseado na pesquisa qualitativa. Entendendo essa pesquisa qualitativa como sendo aquela que não visa medir numericamente, mas objetiva levantar e analisar dados acerca de um objeto de estudo, de natureza descritiva.

Com o surgimento da Antropologia, muitos pesquisadores perceberam que pesquisas de cunho social não podiam ser amparadas e nem analisadas apenas numericamente. Necessitando, assim de uma análise mais ampla, subjetiva e superando a descrição objetiva de determinado objeto de estudo.

Neste estudo, utilizei como instrumento de construção de dados a análise de 13 questionários com perguntas subjetivas.

De acordo com Triviños (1987, p. 121):

Muitas pesquisas de natureza qualitativa não precisam apoiar-se na informação estatística. Isto não significa que sejam especulativas. Elas têm um tipo de objetividade e de validade conceitual, que contribuem decisivamente para o desenvolvimento do pensamento científico.

O desenvolvimento do estudo foi feito com a análise dos dados colhidos em questionário estruturado e revisão de literatura com autores que tratam dos temas e dos problemas que foram definidos previamente. Dentre eles destacam-se Freire, Marques, Mizukami e Pimenta.

No primeiro capítulo, busquei descrever como acontece a formação inicial dos professores e destaquei a importância da prática pedagógica e reflexiva para haver

aprendizagem mútua entre alunos/as e professores/as. Além de ressaltar a riqueza de aprendizagens existentes quando há espaço para a diversidade cultural.

No segundo capítulo, descrevo a intervenção feita, por meio da aplicação de questionário, que buscou compreender como treze professoras pensam sobre a prática pedagógica, a formação continuada e relatam como são encarados e percebidos os desafios encontrados no cotidiano da sala de aula.

Capítulo 1

A formação docente, aprendizagens e diversidade cultural

1.1 - A formação de professores

O ser humano, por natureza, está sempre em constante desenvolvimento, seja em relação ao crescimento físico, seja em relação ao desenvolvimento psicológico e cultural. A partir dessa característica inerente ao ser humano, pode-se perceber a capacidade que ele tem de ser sujeito da sua própria ação e de sua própria história. Por meio da mediação com o mundo ele pode refletir sobre suas ações e, dessa forma, transformar-se e transformar o mundo.

O significado da palavra formação, segundo o dicionário Ruth Rocha(1995), é o “ato de formar: constituição do caráter, fazer, ato de tomar forma, pôr em ordem, conceber, constituir-se”. Todas essas ideias nos passam a relação entre formação e incompletude.

De acordo com Freire (1996) *formar* é a ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado.

Nessa perspectiva a formação de professores também é ação criativa e sempre contínua, ou seja, um processo de desenvolvimento para a vida toda. A formação inicial pode ser entendida, então, como apenas um dos momentos do processo formativo, com isso impõe-se, como indispensável, a formação continuada.

Entendendo formação no sentido mais amplo de educação, Pimenta diz:

A educação é um processo de humanização; que ocorre na sociedade humana com a finalidade explícita de tornar os indivíduos participantes do processo civilizatório e responsáveis por levá-lo. Enquanto prática social, é realizada por todas as instituições da sociedade. Enquanto processo sistemático e intencional, ocorre em algumas, dentre as quais se destaca a escola. A educação escolar, por sua vez, está assentada fundamentalmente no trabalho dos professores e dos alunos, cuja finalidade é contribuir com o processo de humanização de ambos pelo trabalho coletivo e interdisciplinar destes com o conhecimento, numa perspectiva de inserção social crítica e transformadora(PIMENTA, 1999, p. 23).

Assim, no processo de ensino e aprendizagem não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto um do outro (FREIRE, 1996).

Ao mesmo tempo em que o professor está trabalhando para a aprendizagem e formação de seu aluno, o professor também está em formação e aprendendo sobre sua profissão, o que, conseqüentemente, influencia em sua formação. Dessa forma, surgem novas formas de ensinar e novas maneiras de estabelecer relações com o aluno, que é dotado de possibilidades e necessita de estímulos para se desenvolver e se formar.

A história do processo de ensino e aprendizagem nos mostra que a prática de ensinar surgiu depois que se pensou a forma como a aprendizagem acontece. Ensinar e aprender são processos que não se separam, mas o processo de aprendizagem precedeu o processo de ensinar, porém os dois não se misturam, embora possam andar juntos. Segundo Freire:

Ensinar inexistente sem aprender e vice-versa e foi aprendendo socialmente que, historicamente, homens e mulheres descobriram que era possível ensinar. Foi assim, socialmente aprendendo, que ao longo dos tempos mulheres e homens perceberam que era possível – depois, preciso – trabalhar maneiras, caminhos, métodos de ensinar. Aprender precedeu ensinar ou, em outras palavras, ensinar se diluía na experiência realmente fundante de aprender. [...] Quando vivemos a autenticidade exigida pela prática de ensinar-aprender participamos de uma experiência total [...] em que a boniteza deve achar-se de mãos dadas com a decência e com a seriedade. (FREIRE, 1996, p. 23 - 24)

Dessa forma, percebemos a importância do processo de ensino e aprendizagem, para que aconteça aprendizagem e a formação de ambos, aluno e professor. É no momento que acontece esse processo que há a possibilidade de novos conhecimentos surgirem, novas formas de ensinar serem criadas e novas possibilidades de interação serem feitas, pois cada relação estabelecida possui uma possibilidade diferente de todas as outras. Cada um com sua peculiaridade contribui para a formação de forma diferenciada do outro e vice-versa.

Segundo Marin (2000), o conceito de formação de professores é associado à ideia de inconclusão do homem. Toda a trajetória de vida pessoal e profissional implica em opções, remete à necessidade de construção de patamares cada vez mais avançados de saber-ser, saber-fazer, fazendo-se. Entende-se, então, que a formação acontece de forma indissociável da experiência de vida.

A formação do professor é um processo tão abrangente que, como a aprendizagem de vida, nunca está concluído. Realiza-se de modo intrincado e dialético no transcurso de todo o exercício profissional. Assim como a pessoa, também o profissional desenvolve-se continuamente, adquirindo conhecimentos pela experiência aliada a estudos teóricos, num processo de reflexão (RIBAS, 2000, p. 11).

Em sala de aula, o professor tem inúmeras possibilidades de se defrontar com novidades e situações não vivenciadas e não aprendidas no curso de formação inicial. Assumir a responsabilidade de estar à frente de uma sala de aula é ter que assumir desafios dia a dia. Não há como medir como esses aprendizados acontecem e nem como prever quais serão os desafios colocados no cotidiano da escola.

Assim, a formação não se conclui. Há sempre possibilidade de acontecer novos aprendizados e a formação do profissional da educação está aberta a novas descobertas e novas perspectivas. A formação continuada apresenta-se indispensável, de forma “que as práticas profissionais se tornem o terreno da formação”. É o que diz Marques:

Percebe-se que a formação se dá enquanto acontece a prática – momentos interdependentes e intercomunicantes de um mesmo processo, renovadores do espaço pedagógico e das práticas nele efetivadas. Por isso a formação não se conclui; cada momento abre possibilidades para novos momentos de formação, assumindo um caráter de recomeço/ renovação/ inovação da realidade pessoal e profissional, tornando-se a prática, então, a mediadora da produção do conhecimento ancorado/ mobilizado na prática de vida do professor e em sua identidade, construindo-se, a partir desse entendimento, uma prática interativa entre o individual e o coletivo (MARQUES, 1992, p. 194).

Vivemos em uma sociedade em que as mudanças acontecem continuamente e rapidamente, e essas vêm acompanhadas de mudanças também nas concepções de conhecimento. Nesse sentido, o interacionismo faz o ser humano responsável pela construção do conhecimento em interação com o ambiente (MIZUKAMI, 2002, p 11).

As relações que são estabelecidas em sala de aula têm grande importância no processo de ensino e aprendizagem. A vivência da criança com o professor em sala de aula possui grande relevância para ambos. Pois a partir do momento que o professor percebe a maneira como seu aluno aprende, ele também tem a oportunidade de aprender com a sua prática em sala de aula (TACCA, 2005).

As concepções que os professores fazem de seus alunos norteiam o desenvolvimento do trabalho pedagógico e direcionam até onde acontecerá o desenvolvimento psicológico e a aprendizagem de seus alunos. O papel do professor deve ser desenvolvido a partir do fluxo de aprendizagem de aluno.

O professor, por exemplo, durante o ano letivo possui vários alunos. Cada aluno desse professor é tratado de maneira diferente, pois as concepções que ele tem daquela criança, a forma como ele acredita que conhece o aluno influenciam no tratamento e no encaminhamento do trabalho pedagógico.

As relações interpessoais presentes na relação entre professor e aluno criam inúmeras possibilidades de interação, que partem para o plano do intersubjetivo, pois cada participante dessa relação possui história de vida, experiências e vivências diferentes, e isso é o que diferencia cada pessoa. Dessa forma, alunos e professores possuem diferentes possibilidades de interação (TACCA, 2005).

Segundo Vigotski, o aluno é quem dirige o seu processo de aprender, mas é o professor que planeja e cria possibilidades desse aluno aprender. Não há como negar a importância do professor no processo de aprendizagem, pois o seu papel vai além da ideia de modelar a alma alheia. A partir da mediação, é o aluno quem se antecipa como oferta para acontecer a aprendizagem, porém o professor não passa despercebido nessa relação e ambos não são os mesmos depois do processo (TACCA, 2005).

O professor, ao ensinar, encontra-se constantemente monitorando o que ocorre durante a aula e agindo com base em percepções e interpretações sobre o que está acontecendo. As crenças, metas, objetivos e conhecimentos dos professores se inter-relacionam, afetando-os uns aos outros. Suas escolhas e decisões além do contexto imediato estão submetidas a influências de história pessoal do professor e da história deste com seus alunos (MIZUKAMI, 2002, p 44).

A identidade do profissional da educação, o que inclui sua vida pessoal, diz muito sobre como acontecerá suas relações e como desenvolverá seu trabalho pedagógico. De acordo com Marques:

Em seu processo formativo, a vida pessoal de cada educador é evocada e convocada para suas responsabilidades sociais, de forma tal que se correlacionem a personalidade de cada um e a inserção vital dele no mundo da vida como estruturação do imaginário inaugural e como espaço social compartilhado por todos; e na qualidade de teia de relações colocada como suporte das identidades inter e intrassubjetivas (MARQUES, 2000, p. 61).

Segundo Imbernón (2000, p. 58-59), o conhecimento dos docentes em relação ao ensino encontra-se fragmentado em diversos momentos:

- A experiência como discente, cada vez maior e que é compartilhada com a maioria da população, uma experiência que supõe socialização (conhecimento comum) do ensino a partir das concepções e crenças [...].
- A socialização (conhecimento) profissional mediante a formação inicial específica.
- A vivência profissional imediatamente posterior no campo da prática educacional que leva à consolidação de um determinado conhecimento profissional

(assumindo-se esquemas, pautas e rotinas da profissão). Trata-se do chamado período de iniciação à docência.

- A formação permanente, que tem como uma de suas funções questionar ou legitimar o conhecimento profissional posto em prática. A formação permanente tem o papel de descobrir a teoria para ordená-la, fundamentá-la, revisá-la e combatê-la, se for preciso. Seu objetivo é remover o sentido pedagógico comum, a fim de recompor o equilíbrio entre os esquemas práticos e os esquemas teóricos que sustentam a prática educativa.

A experiência como discente, que todos os professores possuem, possibilita inúmeras formas de ver os professores que passaram por seu percurso escolar e conhecer muito sobre as suas práticas. Todo esse conhecimento influencia na formação da pessoa. Há, então, um desafio posto aos cursos de formação inicial, que é o de colaborar no processo de passagem dos alunos de seu *ver o professor como aluno* ao *ver-se como professor*. Isto é o de construir sua identidade como professor (PIMENTA, 1999).

Nesse sentido, a prática em sala de aula se torna também uma importante ferramenta na construção da identidade do docente. A partir de situações vivenciadas durante o seu ofício, o professor tem a oportunidade de construir a sua própria identidade. Diferentemente do que acontece na maioria dos cursos de formação inicial, em que são passadas técnicas que devem ser aplicadas e esses, muitas vezes, não abrem espaço para o professor evidenciar também a sua personalidade e sua identidade, ou seja, o subjetivo não é levado em consideração. Esse processo de formação técnica, muitas vezes, acaba dificultando que o professor descubra sua identidade profissional.

Aprender a ensinar e se tornar professor são processos e não eventos, processos estes – pautados em diversas experiências e modos de conhecimento – que são iniciados antes da preparação formal, que prosseguem ao longo desta e que permeiam toda a prática profissional vivenciada (MIZUKAMI, 2002, p. 47).

Essa ideia de processos traz também a consideração de que há a necessidade de fios condutores que façam com que a racionalidade do profissional da educação transforme as experiências em conhecimento. Isso pode acontecer, por meio da reflexão feita a partir de situações práticas que acontecem na sala de aula.

Na perspectiva de formação como sendo um processo ininterrupto e que acontece durante toda a vida do profissional, penso que a formação inicial e a formação contínua acontecem de forma integrada, não é um processo que acontece separadamente. Nesse

sentido, Pimenta (1999) descreve como acontece o processo de formação do profissional da educação:

Trata-se de pensar a formação do professor como um projeto único englobando a inicial e a contínua. Nesse sentido a formação engloba um duplo processo: o de autoformação dos professores, a partir da reelaboração constante dos saberes que realizam em sua prática, confrontando suas experiências nos contextos escolares; e o de formação nas instituições escolares onde atuam. Por isso é importante produzir a escola como espaço de trabalho e formação, o que implica gestão democrática e práticas curriculares participativas, propiciando a constituição de redes de formação contínua, cujo primeiro nível é a formação inicial(PIMENTA, 1999, p. 30).

A escola, enquanto local de ofício do professor, pode proporcionar esse espaço de formação contínua, pois é nesse local que o professor estará em processo formativo durante o exercício de sua profissão. Vivenciar o cotidiano da sala de aula é conviver com o diferente, com o inusitado e é isso que proporciona espaço de reflexão e eterno aprendizado, o que contribui para a formação profissional desse professor.

A formação inicial do professor é o primeiro passo de uma formação profissional específica, por esse motivo possui sua relevância e importância. É nesse período de formação que são aprendidas teorias relacionadas ao desenvolvimento e aprendizagem das crianças, aspectos filosóficos, sociais e históricos da educação, e, também algumas informações técnicas são passadas. Assim a identidade do profissional começa a se constituir.

Porém, o professor que inicia a docência, entra em contato com muitas situações que não foram enfocadas no curso de formação inicial. Por isso o professor em sua prática em sala de aula, tem a oportunidade de se defrontar com várias situações que propiciam muitos aprendizados. É o que diz Mizukami (2002, p. 14):

No cotidiano da sala de aula o professor defronta-se com múltiplas situações divergentes, com as quais não aprende a lidar durante seu curso de formação. Essas situações estão além dos referenciais teóricos e técnicos e por isso o professor não consegue apoio direto nos conhecimentos adquiridos no curso de formação para lidar com elas. Isso gera uma forma de reflexão na qual o professor, com seus valores (éticos, políticos, religiosos etc), constrói novas formas de agir, na realidade da sala de aula, as quais ultrapassam o modelo da racionalidade técnica que falha ao desconsiderar a complexidade dos fenômenos educativos. Os limites desse modelo se encontram no fato de não levarem em conta os aspectos do contexto mais amplo em que as práticas educativas estão inseridas

Não existe uma fórmula que diga como as crianças aprendem e se desenvolvem. Cada criança possui uma peculiaridade e cabe ao professor promover um espaço aberto e de confiança para que o aluno possa aprender e se desenvolver.

Percebo a importância do professor estar aberto à novas perspectivas. Nesse sentido, a criatividade e a alteridade – colocar-se no lugar do outro – são essenciais para acontecer um trabalho pedagógico consistente, onde todos os envolvidos no processo se desenvolvam e cresçam nessa complexa dinâmica de relações, que são tão importantes e necessárias para o desenvolvimento psíquico do ser histórico-cultural, dotado de possibilidades no processo de aprendizagem.

Acredito na importância das relações estabelecidas em sala de aula para a promoção da aprendizagem do aluno e, sobretudo, para a formação do profissional da educação.

1.2 - A prática reflexiva

A prática reflexiva se torna uma exigência da formação profissional do professor, quando se pensa em formação no sentido de constituição e necessidade humana, pois é por meio da reflexão que as atitudes tomadas se tornam atos que se transformam em aprendizado e, dessa forma, acrescentam conteúdos essenciais na formação profissional e pessoal.

A reflexão sobre a ação pedagógica é uma poderosa ferramenta formativa para professores em uma perspectiva de formação continuada, a partir de experiências vivenciadas em sala de aula.

Produzir a vida do professor implica valorizar, como conteúdos de sua formação, seu trabalho crítico-reflexivo sobre as práticas que realiza e sobre suas experiências compartilhadas. Nesse sentido, entende que a teoria fornece pistas e chaves de leitura, mas o que o adulto retém está ligado a sua experiência. [...] Os problemas da prática profissional docente não são meramente instrumentais, mas comportam situações problemáticas que requerem decisões num terreno de grande complexidade, incerteza, singularidade e de conflito de valores(PIMENTA, 1999, p. 29 - 30).

De acordo com Freire (1996), a reflexão crítica sobre a prática se torna também uma exigência da relação teoria / prática sem a qual a teoria pode ir virando “blábláblá” e a prática, ativismo.

Para isso, é importante que o professor tenha consciência de sua prática, por isso havendo a necessidade da reflexão sobre os seus atos. Nesse sentido, a prática e a vivência em sala de aula é o único espaço que pode propiciar esse tipo de reflexão.

Mizukami (2002) acredita que a prática é o espaço privilegiado, que convida o professor à formação e à reflexão. O que significa considerar a prática pedagógica como espaço mais importante, permanente e efetivo de formação docente? Refletir sobre os próprios modos de aprender e de ensinar é considerado um elemento-chave no processo de “aprender a aprender” e do “aprender a ensinar”. Para tudo isso, faz-se necessário a posição crítica do professor, diante da noção e do exercício da prática dentro do currículo de formação inicial.

De acordo com Pimenta (1999), a especificidade da formação pedagógica, tanto a inicial, quanto a contínua, não é refletir sobre o que se vai fazer, nem sobre o que se deve fazer, mas sobre o que se faz. Por meio de acontecimentos em sala de aula, os professores podem refletir e encontrar instrumentos para interrogar e alimentar suas práticas. É quando o saber pedagógico é construído.

Por isso é que, na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática. O próprio discurso teórico, necessário à reflexão crítica, tem de ser tal modo concreto que quase se confunda com a prática. O seu “distanciamento” epistemológico da prática enquanto objeto de sua análise, deve dela “aproximá-lo” ao máximo. Quanto melhor faça esta operação tanto mais inteligência ganha da prática em análise e maior comunicabilidade exerce me torno da superação da ingenuidade pela rigorosidade. Por outro lado, quanto mais me assumo como estou sendo e percebo a ou as razões de ser de porquê estou sendo assim, mais me torno capaz de mudar, de promover-me, no caso, do estado de curiosidade ingênua para o de curiosidade epistemológica(FREIRE, 1996, p. 39).

Na prática reflexiva há a necessidade do professor reconhecer, pensar e refletir sobre seus atos para, dessa forma, conseguir melhorar sua prática e pensar numa nova perspectiva de educação. Pensar essa educação, como sendo um processo que deixará marcas para o resto da vida do aluno. Afinal, esse ato profissional está auxiliando na formação não só seu aluno, mas de um ser humano.

Segundo Zeichner (1993), ensino reflexivo implica que os professores, em vez de refletir apenas sobre a aplicação em suas salas de aula das teorias geradas fora delas, critiquem e desenvolvam suas teorias e práticas à medida que refletem sozinhos e em

conjunto, na ação e sobre ela, acerca de seu ensino e das condições sociais que modelam suas práticas pedagógicas.

Um importante alerta precisa ser feito quanto ao conceito de reflexão. Empregá-lo não significa que o professor estará refletindo sobre tudo, ininterruptamente, pois sempre haverá grande dose de rotina em sua atividade. Ele deve buscar o equilíbrio entre a reflexão e a rotina, entre o ato e o pensamento, não se entregando a modismos, mas decidindo conscientemente o caminho a seguir como professor que constrói sua própria prática de forma reflexiva (MIZUKAMI, 2002, p. 18).

O professor não passa todo o tempo em que está em sala de aula refletindo sobre tudo o que acontece. Há muito na prática dos professores que é feito mecanicamente, por isso há a necessidade do professor saber lidar com as situações, observar as situações que merecem um atendimento diferenciado.

Assim, acredito que a reflexão sobre o trabalho pedagógico, que é desenvolvido pelo professor é uma necessidade para acontecer a execução de um trabalho que acrescente na formação, tanto dos alunos, quanto dos professores. A partir do momento que o professor, por meio da reflexão crítica melhora sua formação e seu trabalho pedagógico, conseqüentemente, esse trabalho também influenciará na formação e na aprendizagem do aluno.

1.3 – Formação de professores e diversidade cultural

A escola é, sem dúvidas, espaço rico de diversidade cultural, pois nela existem crianças com diferentes origens, diferentes formações, sejam familiares, religiosas, culturais, sexuais, regionais, entre outras. Nesse sentido, existe a possibilidade de se enxergar toda essa diversidade de forma positiva, enriquecendo assim o ambiente escolar, porém também existe a possibilidade de facilitar a exclusão daqueles que são “diferentes” de acordo com padrões e valores socialmente construídos.

Pierucci (1999, p. 105) coloca:

Ao se pôr a diferença, no ato mesmo de notá-la ou reconhecê-la, ei-la desde logo valorizada ou desvalorizada, apreciada ou depreciada, prezada ou desprezada. Porquanto não há diferença, nos quadros culturais de qualquer sociedade, que não esteja sendo operada como valor. A diferença socialmente partilhada recebe sempre-já um sinal positivo (a nossa diferença, viva a diferença!) ou negativo (a diferença dos outros, do Outro).

A partir do momento que usamos a expressão “diversidade cultural” a conotação é de algo diverso, no sentido de variações de determinadas visões, situações e vidas.

Ter o olhar voltado para a diversidade e não para a diferença é essencial para que aconteça a valorização da cultura e que se tenha o cuidado de não se praticar a exclusão de minorias, que já são marginalizadas pela sociedade em geral. Se a mudança e a valorização começam pela escola, acredito na possibilidade desse novo olhar ser praticado fora dela, contribuindo assim para a erradicação da discriminação e o preconceito, em prol de uma sociedade em que os direitos humanos sejam, de fato, praticados.

Nesse sentido, as professoras e os professores devem aprender a lidar com toda a diversidade encontrada dentro da escola e da sala de aula convivendo com ela. Por isso a importância de valorizar os momentos diversos para que saibam lidar com situações desafiadoras tão presentes no cotidiano da sala de aula. Fazendo assim, com que a prática seja sua formação continuada e que propicie uma prática reflexiva.

De acordo com Nascimento e Delmondez (2014, p. 5)

A reflexão que se propõe é a de se pensar como o sujeito professor/a constitui a sua própria experiência de subjetivação a partir de componentes situados nas práticas sociais e educativas em que está imerso. É preciso salientar que o espaço social em que atua profissionalmente tanto abrange os sentidos subjetivos gerados no próprio contexto escolar, quanto integra aqueles advindos de outros cenários sociais mais amplos como os relacionados à diferença cultural.

A necessidade de uma formação docente que prepare os/as professores/as para lidar com os desafios da educação para a diversidade é colocada no sentido de propiciar uma reflexão sobre a própria prática, tanto em sua dimensão profissional como pessoal. Além disso, muito se discute sobre preparação dos conteúdos e materiais didáticos necessários para uma formação multiculturalmente orientada. Busca-se pensar as mudanças nos programas de formação do professorado a partir de uma reflexão sobre o fazer pedagógico relacionado ao processo de se tornar professor.

Repensar o sentido da formação inicial e, sobretudo, a imprescindível formação continuada é de suma importância para que as práticas pedagógicas tenham o papel de se renovar no dia a dia. É bem comum que profissionais da educação reproduzam o que foi vivenciado em tempos formativos, tanto pessoais, quanto profissionais. Rego (1998) pontua que o conhecimento das concepções teóricas do/a professor/a aponta indicadores para compreender como lidam com seus/suas alunos/as no cotidiano de sua prática. Desse modo, pode-se sugerir ou ter como hipótese que a forma de como o/a professor/a pensa a questão da

diversidade, da desigualdade social e dos direitos humanos influencia no modo como lida com seus/suas alunos/as.

Para MacLaren (1997; 2000), a questão essencial para a formação de professoras/es é a de poder proporcionar um espaço multicultural que valorize a diferença em termos de sua especificidade. Além disso, o autor coloca que é o espaço onde é possível dar voz às/aos estudantes para atuarem e transformarem as visões de mundo racistas, homofóbicas, sexistas e classistas e desnaturalizar as relações de poder, ao realizar novas articulações epistemológicas contra-hegemônicas “novas epistemes de resistência tanto na prática da teoria quanto na teoria da prática” (MACLAREN, 1997, p. 51).

A ideia é que o/a professor/professora consiga compreender que existem identidades e diferentes processos de formações familiares, sociais, culturais e que essas diferenças podem ser encaradas como uma forma de enriquecimento do trabalho pedagógico, construindo, assim, um ambiente receptivo que respeite a enorme diversidade existente. A partir do momento que o/a professor/a se abre para essas novas maneiras de pensar e de viver, existe a possibilidade de ambos, estudantes e professores, estarem em constantes aprendizagens

Capítulo 2

Um olhar sobre a realidade

2.1 – A escola

Neste capítulo, analiso como treze professoras pensam a prática pedagógica, a formação continuada e relatam como são encarados e percebidos os desafios encontrados no cotidiano da sala de aula.

O estudo foi realizado na Escola Classe Agrovila II, que está localizada no Combinado Agroubano de Brasília Agrovila II e foi inaugurada em agosto de 1988 para atender os filhos de agricultores, pois, à época a área era em meio rural. Porém, com o passar dos anos, o local foi se tornando bastante povoado e hoje a escola encontra-se em meio urbano com uma grande procura por vagas.

Inicialmente funcionava de 1ª a 4ª série do ensino fundamental e gradativamente foram sendo implantadas turmas de 5ª a 8ª série.

Em 2009, a escola passou a atender somente alunos do ensino fundamental, séries iniciais, ou seja, do 1º ao 5º ano. A partir desse ano, notou-se um aumento expressivo na comunidade próxima, o que fez com que a escola ficasse com as turmas lotadas, porém não houve alteração em sua estrutura física e nem de recursos humanos.

A Escola Classe Agrovila II atende hoje um total de 317 alunos oriundos do Riacho Fundo II, Caub I e II, Ponte Alta e Recanto das Emas. É ofertado o Ensino especial para 2 classes com um total de 4 alunos. Nesse segmento são atendidos alunos 3 alunos TGD além de 2 turmas de integração inversa.

No ano de 2012, a educação integral começou a ser ofertada. Hoje 100 crianças são atendidas nessa modalidade. Elas passam 7 horas na escola, onde almoçam e desenvolvem atividades esportivas, informática, artes, reforço escolar, oficinas de reciclagem.

A escola não conta com boa parte física, necessita de reparos nos pisos e no telhado. Não tem quadra esportiva, parquinho e pátio coberto. Desde que foi construída, a escola não contou com grandes reformas, por isso conserva a mesma estrutura de quando foi construída a 27 anos.

A equipe gestora é composta por 3 funcionárias: diretora, vice-diretora supervisora administrativa, que foram eleitas via eleição, como prevê a legislação da gestão democrática.

A equipe total da escola é formada por 16 professoras e professores, 2 coordenadoras, 2 secretários, 4 merendeiras, 2 porteiras e uma equipe de serviços gerais.

De acordo com a opinião da equipe, os profissionais demonstram dedicação mesmo com as dificuldades encontradas e buscam sempre maneiras criativas para sanar problemas encontrados. Procuram atender a comunidade de maneira educada e dedicada, pois entendem que com o apoio da família o trabalho pode alcançar êxito. A equipe gestora estimula o diálogo e é aberta às críticas e sugestões. Procura atender a comunidade com presteza e cordialidade.

A escola sempre conta com auxílio e participação de muitas mães e pais, que ajudam na organização de festas e eventos tradicionais que enaltecem a cultura regional. Além de ser uma forma de arrecadar dinheiro para promover melhorias físicas e comprar recursos materiais.

2.2 – Formação das professoras

Foram aplicados 13 questionários às professoras da escola, sendo 6 servidoras por contrato temporário e 7 servidoras efetivas da Secretaria de Educação do Distrito Federal em que foi constatado que 11 delas tiveram sua formação inicial em faculdades particulares e apenas 2 em universidade pública.

Durante os tempos universitários vivenciados pelas professoras, todas tiveram experiência com estágio supervisionado, em média, de 1 a 4 semestres. Demonstrando uma variação de duração do estágio dependendo da instituição de ensino. Fica, assim, nítida a não existência de um parâmetro de tempo mínimo para essa prática nas faculdades.

Considero que a prática em sala de aula é, nitidamente, um período importante que deve nortear a aprendizagem, enquanto professor e pessoa que está em formação. A sala de aula mostra muitos momentos que propiciam reflexão e, conseqüentemente, enriquece a formação. Muitos desafios são colocados no convívio com a diversidade e é estando com esses desafios que a aprendizagem será significativa.

Nessa perspectiva, percebo que somente com a formação inicial dos/as professores/as não há como aprender o saber docente, pois não há a possibilidade dessa pessoa em formação estar a todo o tempo vivendo a prática. Este saber docente será adquirido quando houver a possibilidade do professor estar à frente de desafios no cotidiano da sala de aula.

O Estágio Supervisionado tem por objetivo principal propor um vínculo real à relação teoria e prática, pois o conhecimento acadêmico encontra uma aplicabilidade nas atividades da sala de aula, dessa forma a práxis realmente ganha sentido ao atingir seu objetivo maior, ou seja, o conhecimento teórico dando sustentação para a prática, e, por conseguinte promovendo um melhor ensino e aprendizado para todos os envolvidos nesse processo. Para Saviani:

[...] o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens. Assim, o objeto da educação diz respeito, de um lado, à identificação dos elementos culturais que precisam ser assimilados pelos indivíduos da espécie humana para que eles se tornem humanos e, de outro lado e concomitantemente, à descoberta das formas mais adequadas para atingir esse objetivo (SAVIANI, 1997, p.17).

Quando as professoras foram questionadas se sentiam que estavam preparadas para os desafios e o contato com a diversidade cultural da sala de aula, assim que saíram da faculdade, apenas uma respondeu sim e outras doze responderam que não. Confirmando que apenas o período de formação inicial não é suficiente para suprir toda a necessidade de conhecimento.

É partindo da vivência do cotidiano da sala de aula que surgem novos aprendizados que podem e serão úteis á atividade docente futura. O acúmulo de conhecimentos e experiências práticas sempre será um ponto que contribuirá para o exercício da atividade docente.

Ainda, de acordo com Pimenta (1999), existem três tipos de saberes da docência: o primeiro diz respeito à experiência, o segundo sobre o conhecimento, o terceiro fala sobre os saberes pedagógicos.

Nessa perspectiva, percebo que os saberes estão implícitos em todos os momentos de formação e ofício do professor. Há a possibilidade de acontecer muitos aprendizados a partir das experiências e desafios enfrentados dentro da sala de aula. A forma como os alunos aprendem, por exemplo, ajudam o professor, a saber, como deverá ser a condução de seu trabalho pedagógico. O saber docente é adquirido, somente, com a experiência prática vivenciada.

Os saberes da experiência são aqueles que os professores produzem no seu cotidiano docente, num processo permanente de reflexão sobre sua prática, mediada pela de outrem – seus colegas de trabalho, os textos produzidos por outros educadores. É aí que ganham importância na formação de

professores os processos de reflexão sobre a própria prática(PIMENTA, 1999, p. 20, 21).

Os desafios colocados para o professor são um reflexo do que acontece no mundo real de hoje. As crianças possuem muito mais acesso à informação que há alguns anos atrás. Com isso existe a necessidade do professor estar aberto à essas novas formas de mediar o conhecimento.

Cada criança traz para dentro da sala de aula um mundo novo e diferente de todos os outros. Olhando nessa perspectiva, veremos o quanto o professor pode aprender com todas essas possibilidades de troca de conhecimentos e informações.

Para que haja um aprendizado recíproco entre professores e alunos, nessa troca de saberes, é importante:

[...] que nos empenhemos em construir os saberes pedagógicos a partir das necessidades pedagógicas postas pelo real, para além dos esquemas apriorísticos das ciências da educação. O retorno autêntico à pedagogia ocorrerá se as ciências da educação deixarem de partir de diferentes saberes constituídos e começarem a tomar a prática dos formados como o ponto de partida (e de chegada). Trata-se, portanto, de reinventar os saberes pedagógicos a partir da prática social da educação(PIMENTA, 1999, p. 25).

O contexto histórico social que estamos vivendo influencia na maneira e na forma como agimos e pensamos. Nesse sentido, a mesma autora nos fala sobre o momento em que houve uma mudança na prática pedagógica.

No momento da terceira revolução industrial, quando novos desafios estão colocados, à didática contemporânea compete proceder a uma leitura crítica da prática social de ensinar, partindo da realidade existente, realizando um balanço das iniciativas de se fazer frente ao fracasso escolar(PIMENTA, 1999, p. 25).

Historicamente, algumas mudanças acontecem durante esse período da terceira revolução industrial, que levaram a didática a realizar e pensar melhor novas formas de ensinar. Levando-se em consideração a renovação de métodos e de sistemáticas de organização e funcionamento das escolas (Pimenta, 1999).

De acordo com Marques (2000), os saberes implícitos nas práticas cotidianas, necessitam transitar do familiar para surpreendente, pela inquietação, através da experiência e da crítica, a fim de que se tornem saberes de experiências feitos.

No dizer de Habermas, citado por Marques:

Experiências quebram a rotina daquilo que é auto-evidente, constituindo uma fonte de contingências. Elas atravessam expectativas, correm contra os modos costumeiros de percepção, desencadeiam surpresas, trazem coisas novas à consciência. Experiências são sempre novas experiências e constituem um contrapeso à confiança (HABERMAS apud MARQUES, 2000, p. 56).

A prática em sala de aula é, então, a ferramenta que também deve nortear a aprendizagem, enquanto professor e pessoa que está em uma contínua formação. A sala de aula mostra muitos momentos que propiciam reflexão. Muitos desafios são colocados no cotidiano do ofício do profissional da educação.

2.3– A diversidade cultural e a formação continuada

A diversidade cultural presente na sala de aula permite que a professora ou professor entre em contato com diversas situações que não estavam planejadas, ou que não foram esperadas, ou que não foram estudadas. Por esse motivo, há necessidade de se ter uma formação continuada e uma prática reflexiva constante. Uma vez que as situações desafiadoras aparecem no cotidiano da sala de aula e, muitas vezes, são imprevisíveis.

Uma das perguntas presentes no questionário da pesquisa foi se a professora fez cursos de formação continuada na área de diversidade cultural, se fez quantos e qual temática. Com a finalidade de perceber se há uma busca por espaços que contemplem o pensamento reflexivo sobre a diversidade cultural e sua presença em sala de aula.

Em análise das respostas dos treze questionários, apenas uma professora respondeu ter realizado cursos voltados para a diversidade cultural, com a temática na área de “Gênero e diversidade” e ter participado de fóruns sobre o tema questionado. As demais professoras apenas responderam não ter realizado curso algum que trate de diversidade cultural.

Dessa forma, percebe-se que a grande maioria das professoras não busca os espaços reflexivos que tratam da diversidade. Porém convivem com ela diariamente, nesse sentido, não há como fugir de uma realidade vivida tão de perto.

Analisando as respostas das professoras, infere-se que consideram mais importantes cursos que tratam sobre aprendizagens de conteúdos. Pois um olhar cuidadoso em relação à diversidade cultural exige aceitação do novo, a busca pela quebra de paradigmas, a mudança

de postura, recursos extremamente desafiadores em uma sociedade tão estereotipada como a nossa.

De acordo com Freire (1996, p. 35):

É próprio do pensar certo a disponibilidade ao risco, a aceitação do novo que não pode ser negado ou acolhido só porque é novo, assim como o critério de recusa ao velho não é apenas cronológico. O velho que preserva sua validade ou que encarna uma tradição ou marca uma presença no tempo continua novo.

Outra questão realizada às professoras foi se situações desafiadoras que aparecem na sala de aula instigam a buscar novas maneiras de interação e conhecimento e o porquê. Com a finalidade de perceber se os desafios são levados em consideração no momento de realizar uma prática reflexiva para que assim aconteçam novas aprendizagens.

Em contrapartida às respostas dadas à questão anterior, todas as professoras disseram que sim, situações desafiadoras instigam na busca de novos conhecimentos. Como no caso da fala dessas professoras que responderam o seguinte:

“Sim, o professor deve estar sempre em formação e são os desafios em sala de aula que nos leva a crescer como profissionais. Particularmente, não gosto de trabalhar com base no senso comum, então sempre busco novos conhecimentos quando tenho algum desafio.”

“Sim, quando me deparo com situações novas, um novo estímulo para vencer as situações que se colocam. Desafios são primordiais para o desenvolvimento de educação melhor.”

“Sim, pois conhecimento nunca é demais, buscar conhecimento é desafiador, te leva a resolver conflitos e leva o aluno ao aprendizado.”

“Sim, pois há algumas situações que requerem uma reação ou maneira de lidar diferente, havendo assim a necessidade de buscar novos conhecimentos.”

“Sim! Isso é o que me motiva nesta profissão.”

Fica nítido que as professoras consideram importante a busca por novas maneiras e novos olhares na prática pedagógica, porém nem sempre essa busca é feita, como foi respondido na questão anterior.

O aprendizado do ensinante ao ensinar não se dá por meio da retificação que o aprendiz lhe faça de erros cometidos. O aprendizado do ensinante ao ensinar se verifica na medida em que o ensinante, humilde, aberto, se ache

permanentemente disponível a repensar o pensado, rever-se em suas posições; em que procura envolver-se com a curiosidade dos alunos e os diferentes caminhos e veredas, que ela o faz percorrer. Alguns desses caminhos, algumas dessas veredas, que a curiosidade às vezes quase virgem dos alunos percorre, estão grávidas de sugestões, de perguntas que não foram percebidas antes pelo ensinante (FREIRE, 1993, p. 27).

Nesse sentido, percebo a tamanha importância da continuidade da formação por meio da experiência profissional, isto é, nas situações em que possamos dizer aos outros o que fizemos e o que aprendemos é isso o mais importante e mais significativo na formação continuada do ofício de ser professor.

Para finalizar o questionário da pesquisa foi perguntado às professoras de que forma a formação continuada contribui para a experiência profissional e/ou superação de situações problemas vivenciadas em sala de aula. Com a finalidade de perceber se as professoras compreendem a importância da formação continuada para a aprendizagem profissional.

As respostas dadas por todas foram positivas, demonstrando que todas têm noção da importância, conforme algumas que transcrevo a seguir:

“A educação é um processo que está sempre em movimento, sempre com novas formas de se fazer, viver, muitas novidades, diferenças. O professor como mediador precisa acompanhar tudo isso, sempre pensando e repensando a educação e a melhor forma de agir e reagir diante de tantas e distintas situações.”

“Na medida em que a teoria me possibilita estar amparada para atuar no meu cotidiano me sinto empoderada e mais segura frente aos desafios que surgem.”

“A formação continuada é uma maneira de atualização. Dessa forma, a busca por novos conhecimentos contribui de forma significativa no cotidiano da sala de aula.”

“Quando se conhece um problema é mais fácil encontrar uma saída para resolvê-lo. A formação continuada dá o suporte, o conhecimento necessário para compreender e lidar com situações desafiadoras em sala de aula.”

“De forma fundamental, pois é por meio da formação continuada que adquirimos os conhecimentos necessários para que aliados à prática possam desenvolver um trabalho com maior qualidade.”

“O conhecimento adquirido no curso teórico ajuda a resolver algumas situações, de acordo com alguns teóricos e pensadores sobre formas de reações diferentes e determinadas situações.”

Percebo, assim, que todas as professoras questionadas sabem da importância da formação continuada para aprendizagem profissional.

Marques (2000) acredita que essa continuidade de formação necessita dar-se no princípio do embasamento profissional, na postura intelectual crítico-criadora, pela qual formação e ação se costuram em núcleo orgânico, estruturante da identidade profissional, o que leva à garantia de sua relevância e efetividade sociais.

De acordo com Pereira (2000), a formação continuada não se constrói por acumulação (de cursos, de conhecimentos ou de técnicas), mas sim através de um trabalho de flexibilidade crítica sobre as práticas e de (re)construção permanente de uma identidade pessoal. Por isso é tão importante investir na pessoa e dar um estatuto ao saber da experiência.

Acredito também na grande relevância da formação continuada no local de ofício do professor. A escola deve proporcionar um espaço de discussão e reflexão para esses profissionais, pois, nesse caso, o melhor local para resolver os problemas relativos ao trabalho pedagógico é a própria escola – lugar onde esse trabalho é efetivado e os problemas que acontecem afetam sua qualidade.

O locus da formação a ser privilegiado é a própria escola; isto é, é preciso deslocar o locus da formação continuada de professores da universidade para a própria escola.

Para um adequado desenvolvimento da formação continuada, é necessário ter presentes as diferentes etapas do desenvolvimento profissional do magistério; não se pode tratar do mesmo modo o professor em fase inicial do exercício profissional, aquele que já conquistou uma ampla experiência pedagógica e aquele que já se encaminha para a aposentadoria; os problemas, necessidades e desafios são diferentes e os processos de formação continuada podem não ignorar essa realidade promovendo situações homogêneas e padronizadas, sem levar em consideração as diferentes etapas do desenvolvimento profissional (CANDAU apud MIZUKAMI, 2002, p. 27).

Da mesma forma que alunos não podem e não devem ser tratados da mesma forma, os professores também devem ser tratados de formas diferentes. Sendo sempre respeitadas as diferenças, pois cada um possui sua singularidade, individualidade e subjetividade. Cada um possui uma identidade, uma formação diferente entre todos os outros profissionais. Assim, como cada um possui sua digital, que é única e diferente de todas as outras, da mesma forma acontece com a formação de qualquer outra pessoa e de qualquer profissional da educação. Afinal, isso é diversidade cultural.

Dessa forma, faz-se necessário pensar uma nova perspectiva de formação profissional, em que o modelo da racionalidade prática seja assumido e praticado. As experiências vivenciadas não podem e nem devem ser descartadas.

Isso implica que se instale uma nova lógica de formação do professor e um novo significado da prática pedagógica. Ao reconceituar a formação continuada de professores, torna-se necessário situá-la, originalmente como processo de desenvolvimento que ocorre ao longo da vida profissional, em continuidade com formação inicial e em estreita relação com a prática pedagógica (MARIN, 2000, p 32).

Nessa perspectiva, acredito na formação continuada de professores que acontece durante o exercício de seu ofício. Mesmo que o professor não procure uma formação continuada institucionalizada em cursos de pós-graduação, ainda assim esse profissional estará em processo formativo, pois na vivência de situações problemas existem inúmeras possibilidades de acontecer aprendizado por parte do professor, o que também acaba refletindo na formação de seus alunos.

Acredito também na importância e na necessidade de haver nas escolas um suporte que auxiliem o professor em sua formação, buscando a integração entre teoria e prática. Um espaço, onde a problemática que acontece na sala de aula possa ser discutida. Essa é uma forma do professor ter espaço para se expressar, socializar suas vivências e, assim, refletir sobre as necessárias melhorias para seu trabalho.

A formação profissional do docente não é um processo que acontece isolado, em que o profissional com seus alunos conseguem aprender sobre tudo e dar conta de todos os desafios e de todos os problemas. Há a necessidade de compartilhar experiências, vivências, aprendizados com outros profissionais. Nessa perspectiva, acredito na importância do trabalho coletivo entre professores.

Isso não quer dizer que um trabalho desenvolvido por uma professora terá os mesmos resultados de uma outra professora que realizou o mesmo trabalho. O subjetivo, a experiência de vida, a bagagem cultural, as concepções de educação e de criança que os profissionais têm interferem na forma como o trabalho será conduzido, o que influencia também nos resultados desse trabalho. Ou seja, todos os aspectos que formam uma pessoa influenciam e influenciarão na condução de seu trabalho, o que implica que cada trabalho pedagógico desenvolvido obterá resultados diferentes.

Por acreditar na suma importância da formação continuada e na prática reflexiva do trabalho pedagógico no contato com a diversidade cultural, chego ao fim deste trabalho de

pesquisa e reflexão acreditando ainda mais na possibilidade de uma formação rica com olhar atento às situações que podem nos proporcionar aprendizagem e desenvolvimento pessoal e profissional.

Considerações finais

Perceber as concepções dos/as professores/as é importante para que a partir disso, construa-se as reflexões necessárias para as aprendizagens acontecerem verdadeiramente. Os desafios que acontecem no dia a dia do ofício de ser docente devem ser olhados com uma reflexão crítica, assim como as professoras pesquisadas afirmaram.

É inegável que a sala de aula é um espaço de aprendizagem para os/as professores/as com a rica diversidade cultural presente em todas as salas de aula. Podemos aprender muito com os/as alunos/as, pois estes possuem um mundo de possibilidades, cada um com sua peculiaridade e com potenciais a serem desenvolvidos. Durante todo esse processo, os/as professores/as também tem a possibilidade de se desenvolver e aprender, para isso basta que ele esteja aberto para novos rumos.

A formação é, ao mesmo tempo, processo individual e social [...]. Desse modo, formação é o processo que produz a identidade da pessoa do professor, ampliando-se esse processo para o âmbito da valorização do corpo profissional, construída no e pelo conhecimento das experiências que realizam. Deixa, portanto, a formação continuada de ser simplesmente a complementação da inicial, passando a contribuir para melhorar a escola, reinventando-a, redefinindo, em simultâneo, os contornos de uma profissionalidade docente (MARIN, 2000, p. 32).

Por sermos seres inacabados, estamos em constante desenvolvimento e em constante formação. Na sala de aula a aprendizagem é um processo recíproco, em que todos os envolvidos nesse processo aprendem e estão em formação. Mas como diz Freire devemos estar abertos para o novo, devemos ter a humildade de enxergar os alunos como seres dotados de saberes, dessa forma deve haver a aceitação de que o educador não é o único detentor do saber.

Ser pedagoga / professora / educadora é um eterno desafio, pois uma criança possui um mundo diferente de todas as outras. É papel da professora tentar desvendar e entender o funcionamento desses mundos, a fim de tentar contribuir para a formação de seus alunos. Existe desafio maior que este?

Na busca para encontrar soluções para desafios tão grandes os professores devem estar abertos para as novidades. Essa busca, certamente, ajudará o professor a entender a forma como seu aluno aprende. O que, conseqüentemente, estará acrescentando em sua formação profissional e melhorando seu trabalho pedagógico.

Por meio desse trabalho consegui perceber que as atitudes demonstradas pelos alunos são recheadas de conteúdos. Nesse sentido, o professor deve saber aproveitar essas atitudes, a fim de melhorar seu trabalho pedagógico e acrescentar em formação profissional, num processo de aprendizagem contínuo.

Ainda, por acreditar, na perspectiva de uma formação contínua chego ao final desse trabalho com o sentimento de que ainda há muito a ser feito, pesquisado e aprendido com meus alunos e, também, em outros espaços acadêmicos. Fica a vontade de dar continuidade a estudos que tratem de assuntos referentes a formação de professores.

Referências

- FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, P. *Professora sim tia não: cartas a quem ousa ensinar*. São Paulo: olhos d'água, 1993.
- IMBERNÓN, F. *Formação docente e profissional: forma-se para a mudança e a incerteza*. São Paulo, Cortez, 2000.
- MACLAREN, Peter. *Multiculturalismo revolucionário: pedagogia do dissenso para o novo milênio*. Tradução de Mária Moraes e Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.
- MARIN, A. J. (org). *Educação continuada: reflexões, alternativas*. Campinas, SP: Papirus, 2000.
- MARQUES, M. O. *A formação do profissional da educação*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2000.
- MIZUKAMI, M. G. N. *Escola e aprendizagem da docência: processos de investigação e formação*. São Carlos: EdUFSCar, 2002.
- NASCIMENTO, W. F. do e DELMONDEZ, P. Sujeitos da Diversidade. In: *Curso de Pós-Graduação em Educação em e para os Direitos Humanos no Contexto da Diversidade Cultural*. (Módulo 2). Brasília/DF: Instituto de Psicologia da UnB, 2014.

PEREIRA, J. E. D. *Formação de professores: pesquisas, representações e poder*. Belo Horizonte: Autentica, 2000.

PIERUCCI, Antônio Flávio. *Ciladas da diferença*. São Paulo: Editora 34, 1999.

PIMENTA, S. G. *Saberes pedagógicos e atividade docente*. São Paulo: Cortez, 1999.

REGO, Teresa Cristina. Educação, cultura e desenvolvimento: o que pensam os professores sobre as diferenças culturais. In: J. G. Aquino (Org.). *Diferenças e preconceito na escola: alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus, 1998.

RIBAS, M. H. *Construindo a competência: processo de formação de professores*. São Paulo: Olho d'água, 2000.

SAVIANI, D. *Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações*. 6. ed. Campinas: Autores Associados, 1997.

TACCA, M. C. V. *Aprendizagem e trabalho pedagógico*. São Paulo: Alínea, 2006

TRIVIÑOS, A. N. S. *Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais*. São Paulo: Editora Atlas, 1987.

ZEICHNER, K. M. *A formação reflexiva de professores: idéias e práticas*. Lisboa: EDUCA, 1993.